Memoria sobre a Egreja do Collegio dos Jesuitas de S. Paulo[1]

Este documento reformatado foi preparado por **Bruno Bonavigo**, com o objetivo de preservar e divulgar a história de São Paulo. Se deseja contribuir com este trabalho, considere fazer uma doação. Chave Pix: b0n4vigo@gmail.com. Aceito também suas orações.

Este artigo foi escrito pelo Dr. Teodoro Sampaio como uma forma de escusar o governo pela ruína da igreja do Colégio, e publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Não querendo me estender por ser o objetivo deste documento apenas registrar o artigo, ressalto que a culpa ainda foi do estado. Talvez não tenha sido ele quem sabotou a pedra que se desprendeu da torre, nem quem tenha escoado a água propositalmente para o telhado da vetusta igreja, porém foi sua tentativa de roubá-la das mãos do bispado que a deixou sem manutenção, causando sua ruína.

Dedicado a Senhora do Rosário e concluído na festa de São João Crisóstomo de 2025.

Obedecendo aos desejos d'este Instituto, venho hoje, decorridos certamente quasi dous mezes depois do desastre occorrido na velha egreja do Collegio dos Jesuitas, trazer-vos alguns dados referentes a essa vetusta construcção, o primeiro monumento historico desta cidade, agora derruido e definitivamente condemnado.

Incumbido pelo governo do Estado da demolição do velho templo, triste incumbencia para quem como nós sabia aquilatar essas reliquias, realçadas por mais de tres seculos de veneração, para quem, cultivando a Historia Patria, aprendeu a ver n'essas paredes tombadas e carcomidas os testemunhos da nossa infancia nacional que ora desapparecem, bem podemos dizer como Volney diante das ruinas de Balbec: «Procurei os antigos ou pelo menos as suas obras e só encontrei mal apagados vestigios, semelhantes aos que deixam as pisadas do caminhante impressas na areia movediça.»

De facto, dentro em breve não restarão do velho templo, a cuja sombra surgiram e cresceram tantas gerações dos conquistadores dos sertões brasileiros, senão vestigios mal apagados, algumas reliquias venerandas recolhidas por mãos piedosas dos que não queimam hoje o que hontem adoraram, d'aquelles que aprenderam no culto do passado a preparar para essa patria estremecida um futuro melhor.

Serão, decerto, vestigios mal apagados de uma epocha que se foi, mas de modo algum, não serão objectos indifferentes aos que sabem como os dignos membros d'este Instituto venerar n'essas reliquias os esforços dos que nos deram a posse d'esta terra, d'aquelles que primeiro aqui lançaram os fundamentos da sua actual prosperidade.

---

[1] Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, vol. II, 1898, p.1-10. Disponível em: <https://www.google.com.br/books/edition/Revista_do_Instituto_Hist%C3%B3rico_e_Geogr/O6ICAAAAYAAJ>. Acesso em: 27 jan. 2025.

Descrever ainda que em breves linhas esse monumento, o seu caracter, a sua posição no centro d'essa cidade modernizada de que fôra elle outr'ora o embryão, a sua influencia na civilisação paulista é, por certo, assumpto para mais elevada competencia do que a nossa; mas ainda assim tentando-o, resalve-nos a modestia um intuito superior: – guardar nos nossos archivos os caracteristicos do derruido monumento, para que um dia o historiador que lamentar a sua perda, não lamente tambem a nossa indifferença, que seria um crime de leso-patriotismo.

Ha muito que já não era senão ruinas o templo aqui erguido pelos primeiros apostolos do Novo Mundo.

O desabamento do seu telhado e de uma parte das suas paredes já fendidas e desaprumadas, occorrido na noite de 13 para 14 de março passado por effeito das chuvas torrenciaes da estação, não é senão o começo de um total anniquillamento porque, por tristissima contingencia das cousas deste mundo, até as ruinas perecem.

Quizeram os nossos dissentimentos que sobre essa terra sagrada onde repousam as cinzas de tantos varões illustres, sobre o templo onde primeiro echoaram os canticos piedosos dos catechumenos de Piratininga, pezasse a mão da justiça com um interdicto que valeu-lhes por formal condemnação.

Por isso, já lá vão seis annos que emmudecera o velho campanario. Um silencio de tumulo reinava na nave deserta sobre cujo soalho carcomido e em parte arrancado chovia copiosamente nas noites tempestuosas.

Do tecto, já em parte deformado, com as telhas quebradas e o forro apodrecido, desciam gotteiras abundantes que, lavando as paredes, gretando-as em varios pontos, acabaram por derruil-as, tanto é certo que nada ha mais anniquillador do que o silencio do abandono.

Sobre os altares despidos empilhavam-se os destroços de desabamentos parciaes. As imagens apeadas dos altares estavam recolhidas na capella-mór onde menos sensivel era o descalabro do tempo. Alfaias já alli não existiam ha muito tempo.

Uma como que sentença de morte, que lentamente se cumpria, pezava sobre o velho monumento.

Debalde, alguma cousa tentavamos para, ao menos, attenuar os effeitos da inevitavel destruição. Por amor de duas escolas leigas que na ampla sachristia e nas suas dependencias se installaram, alguns reparos ligeiros, interessando ora os telhados, ora as paredes que, aos poucos, iam ainda assim cedendo da sua solidez e estabilidade, conseguiamos realizar no intuito de evitar desastres irremediaveis.

Sabia-o o governo que essas obras approvára e as mandára pagar. Para attestal-o aqui temos presente o nosso digno consocio e presidente deste Instituto, o Dr. Cesario Motta Junior, então Secretario do Interior do governo do Dr. Bernardino de Campos, a esse tempo afanosamente empenhado em diffundir a instrucção popular e em levantar o nivel do ensino ao ponto em que hoje vemos.

E assim se foi mantendo o arruinado edificio até ha bem poucos dias.

Em meiados de março, porém, notando nós que na parede meieira do palacio do governo e da egreja do Collegio algum grave desarranjo se dava, pois a agua da chuva, penetrando copiosamente, lavava a referida parede, cujo papel cahia apodrecido e alagava o soalho já bastante damnificado, levamos o facto ao conhecimento do Dr. Bernardino de Campos que, para providenciar, veiu pessoalmente examinar o logar ameaçado.

Auctorizou-nos logo a entendermo-nos com o Rev.mo Bispo Diocesano, a pedir-lhe em seu nome as chaves da egreja para se effectuarem os reparos que fossem de mister de um e de outro lado, e sem demora auctorizou-nos a realizal-os.

De bom grado accedeu ao delicado pedido o Rev.mo Bispo e desde então ficamos nós em condições de encetar as obras de reparação, se o tempo constantemente chuvoso, por dias successivos, nos não impedisse de iniciar qualquer trabalho, affectando as obras superiores do arruinado edificio.

Aguardavamos a cessação das chuvas para proceder ao exame no telhado e no interior da egreja, quando nos vieram ás mãos as chaves da sachristia, então em poder de um dos professores, com as quaes podiamos ter ingresso no interior da nave quando fôsse opportuno ahi trabalhar, e que tornavam dispensaveis aquellas que o Ex.mo Bispo nos entregára em confiança.

Restituidas estas, continuamos a esperar pela cessação do mau tempo para iniciar as obras que já tardavam. Na noite immediata, porém, pelas onze horas, mais ou menos, ruia com grande fragor o telhado da velha egreja e com elle parte da parede meieira, a mesma que primeiro attrahira a nossa attenção e tambem algumas peças da cantaria de um dos angulos externos da torre, adjacente á mencionada parede, as quaes, segundo os indicios, parece que foram as primeiras a desabar, abalando com a sua queda o tecto já mui damnificado, e assim provocando o desequilibrio de toda aquella construcção.

Tanto bastou para que em alguns espiritos se levantasse a injusta suspeita de um deliberado proposito da parte do governo em fazer desapparecer o vetusto monumento. Elle que o não pudera alcançar pela força do direito, derribava-o agora pela calada da noite como um despeitado criminoso!...

Não, não carecemos de levantar o aleive que assim como surgiu tambem promptamente se desfez. Isso só podia deshonrar-nos a todos, arguentes e arguidos.

Não, na terra paulista, onde aliás a constante prosperidade tambem insufla o espirito de irreverencia, governantes e governados, todos sabiamos prezar o valor d'esse monumento.

Se a descrença avassalla o espirito innovador do seculo expirante, não é elle, por isso, menos esclarecido. Se para muitos o velho templo se não impunha pelo ideal da crença; se essa construcção não nos captivava pelo apuro da esthetica; para todos, porém, ella se erguia como uma reliquia veneranda, como o sanctuario das nossas mais caras tradições; ella recordava o berço d'aquellas gerações de aventureiros que nos deram o Brasil, o maior dos territorios americanos; ella recordava-nos ainda na sua modestissima apparencia o muito que temos caminhado, perseguindo o nosso ideal civilisador atravez de tres seculos de vicissitudes.

Para nós, a obra de Nobrega, de Manuel de Paiva, de Anchieta, de Tibyreçá e tantos varões illustres que os succederam n'esse piedoso empenho, não era assim um objecto despresivel e importuno a atravancar-nos o terreno reclamado para mór realce das modernas e apparatosas construcções.

Sempre pensamos que, se essa reliquia das passadas éras se podesse conservar de pé, a despeito de todos os nossos dissentimentos, que ella se conservasse no mesmo sitio em que aquellas almas piedosas a elevaram. Creio ser este o sentir de quantos amam a sua patria n'esses testemunhos seculares, que são os marcos miliarios a assignalar-nos a róta civilisadora atravez da Historia.

Mas para aquelles mesmos que não vêem no arruinado monumento mais que uma pesada e pauperrima construcção a desfeiar, pela sua visinhança, os novos palacios que a hodierna riqueza vae erguendo em torno do antigo pateo do Collegio, para esses mesmos o templo de Anchieta não era uma reliquia sem veneração.

N'este ponto não havia divergencia. O que nos dividia era o modo de comprehender o ideal, ou o respeito pelo passado que, ao sentir d'elles, não devia primar ás exigencias progressistas e razoaveis do seu tempo. Sem faltar com a devida veneração, entendiam elles que, *servatis serrandis*, o velho monumento podia desapparecer sem prejuizo d'esse ideal ou d'esse respeito ás tradições.

Façamos-lhes esta justiça.

Quiz, porém, a sorte que, antes mesmo de pronunciada pelos tribunaes a ultima e definitiva sentença, ruisse por terra o velho monumento, confundindo com uma solução radical os litigantes.

O templo jesuitico, cujos primeiros fundamentos datam de 1554, está irremediavelmente perdido. Derruidas as paredes, gretadas e carcomidas as que permaneceram de pé, nada de estavel e duradouro se poderá reerguer com essas ruinas irreparaveis. Clamem debalde os que não querem ver no alheio sentimento senão o desejo inconsiderado de eliminar o que todos veneramos.

Sobretudo, não exageremos.

Entre a veneração e o fetichismo não ha, de facto, mais que uma linha. Só a boa razão e o criterio esclarecido nol-a fazem bem distinguir e não ultrapassal-a.

Demolir aquellas paredes para no mesmo sitio levantar-se nova egreja é exaggerar os sentimentos, é desconhecer as necessidades da sua epocha, é confundir o ideal imperecivel com o seu representativo material, contingente, como se a destruição d'este acarretasse a irremediavel perda d'aquelle. Mui sabiamente definiu e resolveu essa questão o Rev.^{mo} Bispo Diocesano, cultor tão intelligente das cousas da patria como é pela sua fé e por dever do seu cargo acerrimo defensor das cousas sagradas, quando em resposta a uma consulta do Secretario do Interior[2] se pronunciou n'estes termos:

«Ao attento officio que se dignou V. Ex.^{a} de dirigir-me em data de 18 d'este andante, relativo ao desmoronamento da egreja do Collegio, cabe-me responder scientificando a V. Ex.^{a} que o que a esse respeito ficou assentado de combinação com o Ex.mo Sr. Dr. Presidente do Estado foi, que terminados

[2] Officio de 18 de março de 1896 do Secretario do Interior.

os trabalhos de desentulho no interior da egreja, se demolisse das paredes o que, a parecer do distincto profissional que comnosco estava, o Dr. Theodoro Sampaio, ameaçava cahir.

«Si, pois, examinando as ditas paredes, o digno engenheiro achal-as arruinadas a ponto de exigirem ser desde já demolidas, eu não posso oppôr embaraço algum a um alvitre que se impõe á boa razão e ao bom senso, e ratifico o que entre mim e o Ex.mo Sr. Dr. Bernardino de Campos ficou combinado.»[3]

Depois de lembrar algumas providencias adequadas a resguardar os objectos do culto, os altares, pulpitos, obras de ornamentação que ainda podem ter ulterior e identico emprego, conclue o Sr. Bispo:

«Tudo o mais será acautelado de accordo, como até hoje, e de modo a se conservarem com o religioso decoro, as reliquias preciosas que n'aquella egreja nos lembram a historia do alvorecer d'esta terra abençoada, rica de glorias e de heroes. Com estas precauções e cuidados casam-se perfeitamente os nobres sentimentos patrioticos que nutrimos e afagamos, alliados ás caras tradições religiosas de nossa patria; sentimentos que se manifestam assim com a calma e efficacia proprias da religião que os anima, sem faltar á caridade com temerarios e odiosos juizos, e sem offender ao proximo que nos merece respeito e acatamento.»

Eis a linguagem do criterio esclarecido e da moderação; eis ahi como falla um homem que sabe sentir pela religião e pela patria.

Venere-se o que é digno de veneração; resguarde-se com religioso decóro tudo quanto puder ser resguardado, deixe-se de pé ou seja demolido aquillo que o profissional reconhecer que póde ou não permanecer de pé.

Mas, da velha egreja tudo está compromettido irremediavelmente.

A quemquer que alli penetre com a consciencia desanmuveada de preconceitos deparam-se logo ruinas, onde as numerosas fendas das paredes pendidas, o apodrecido das madeiras, a falta de equilibrio e de reciproca amarração entre o que ficou de pé, lavram a inilludivel e condemnatoria sentença.

Assim, dentro em breve, não restarão do templo de Anchieta senão reliquias transladadas e essa terra sagrada onde tantas gerações passaram pelo sono derradeiro.

E, comtudo, não ficam profanados os objectos do culto, as cinzas, os ossos, as inscripções tumulares pelo facto da sua trasladação. Antes é prova de verdadeira piedade recolhel-os em logar condigno, realçar-lhes o merito em mais solida construcção, onde aos vindouros se mostre como n'um Pantheon os restos venerandos dos que, na derruida egreja, repousavam á sombra dos altares. Melhor, muito mais elevado designio é este do que aquelle exaggerado sentimento dos que tendo esses restos por intangiveis, os deixariam perecer entre ruinas que ninguem póde conservar.

Do monumento que ora desapparece salvemos para a Historia a minuciosa descripção d'elle, a sua planta topographica, as photographias da sua fachada, do seu interior, e de cada um dos seus altares

[3] Officio de 21 de março de 1896 do Exm.º Bispo Diocesano.

e dependencias; salvemos tudo quanto possa um dia recordar-nos o que elle foi como arte, como tradição e como representativo da nossa fé.

Resgatemos antes os nossos dissentimentos, erguendo á memoria dos fundadores do Collegio, que são tambem os d'esta cidade, um monumento immorredouro como o bronze, sobrepondo ao monumento que desapparece outro monumento ainda mais conspicuo, e que este seja uma memoria tão digna d'elles como tambem o representativo fiel do nosso progresso de tres seculos.

Demos-lhe por primeiro embasamento as pedras toscas, retiradas d'aquellas paredes demolidas; por pedestal a velha cantaria que a moderna arte souber aproveitar; e, na columna de bronze que sobre elle se erguer, inscrevam-se os nomes dos primeiros apostolos d'esta terra, ao lado dos quaes não destoam, por certo, os nomes de Tibyreçá e de Cai-Uby, nomes barbaros que a Historia salvou como symbolisando o heroismo e a summa dedicação dos primeiros convertidos.

Esqueçamos assim os odios sectarios para só mover-nos o culto reparador e edificante, tributado aos proceres da nossa nacionalidade.

Aqui, n'este terreno, sim; distingam-nos a cada um de nós a sinceridade do sentimento, o alevantado da idéa, o fervor das homenagens, como a solicitude e alacridade em desonerarmo-nos de uma divida que já tarda.

Qualquer, porém, que seja o modo de a resgatarmos, que esse monumento não symbolise nem perpetue jámais as nossas dissensões mal apagadas, mas a paz e a concordia entre os Brasileiros, como sendo o sentimento unanime da nação agradecida.

THEODORO SAMPAIO.

Digitized by Google

Desenho de uma foto do Pátio do Colégio que foi colocada como ilustração do artigo na revista.